

## **Riso móbil, riso dançante: Um ensaio sobre a dinâmica do riso em *Assim falou Zaratustra***

*Mobile laughter, dancing laughter: An essay on the dynamics of the laughter in Thus Spoke Zarathustra*

Joseane Vasques\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo compreender os principais sentidos atribuídos ao riso, enquanto expressão, símbolo e metáfora, por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*. Pretende ainda apresentar a hipótese do riso como um fenômeno de movimento por excelência, sempre vinculado a situações de criação e transformação de grande significação no contexto da obra, com importantes implicações para a filosofia nietzschiana como um todo e, de modo ainda mais amplo, para a própria filosofia contemporânea. Isto porque o riso, enquanto elemento móbil recorrente em *Zaratustra*, afirma-se como um dos mais fortes indicativos da presença, ou mais, da preeminência do corpo na filosofia nietzschiana: corpo orgânico, dinâmico, dançante que ora quer retomar seu lugar no âmbito do pensamento filosófico em sua relação com a vida.

**Palavras-chave:** riso, movimento, corpo, afirmação.

**Abstract:** This paper aims to understand the main meanings attributed to laughter as an expression, symbol and metaphor, by the philosopher Friedrich Nietzsche in *Thus spoke Zarathustra*. It also intends to submit the hypothesis of laughter as a phenomenon of movement par excellence, always linked to situations of creation and transformation of great significance in the context of the work, with important implications for the Nietzschean philosophy as a whole and, even more broadly, for the contemporary philosophy. This is because laughter, while recurring mobile element in *Zarathustra*, emerges as one of the strongest indications of the presence, or moreover, of the preeminence of the body in the Nietzschean philosophy: organic, dynamic, dancing body that now wishes to resume its place in philosophical thought in its relation to life.

**Keywords:** laughter, movement, body, affirmation.

---

\* Doutoranda do PPG-FIL/UERJ – Bolsista CNPQ. Professora do Colégio Pedro II. Mestre e Licenciada em Filosofia pela UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [joseanevasques@hotmail.com](mailto:joseanevasques@hotmail.com)

Eu acreditaria somente num deus que soubesse *dançar*.

Quando vi meu diabo, achei-o *sério*, metuculoso, profundo e solene: era o espírito de *gravidade* – ele faz todas as coisas *caírem*.

Não com a ira, mas com o *riso* é que se mata. Eia, vamos matar o espírito de gravidade!

Aprendi a *andar*: desde então *corro*. Aprendi a *voar*: desde então, não quero ser empurrado para *sair do lugar*.

Agora sou *leve*, agora *voo*, agora me vejo abaixo de mim, agora *dança* um deus através de mim.<sup>1</sup>

A investigação acerca do lugar do riso na filosofia nietzschiana apresenta-se como importante chave para a compreensão de um pensamento complexo e dinâmico que procura estabelecer bases inteiramente diversas das que solidamente fundamentaram a tradição filosófica ocidental até a modernidade. Situar a importância e os sentidos atribuídos ao riso enquanto afeto, expressão, imagem torna-se mesmo fundamental a partir da constatação da recorrência desta imagem ao longo da obra de Nietzsche – e já seria suficiente ressaltar o teor de um de seus mais importantes escritos, *A gaia ciência*, para atestar o relevo inquestionável atribuído pelo filósofo à alegria (e, conseqüentemente, ao riso) na construção do saber<sup>2</sup>. Ressalte-se, ainda, a constante presença do riso nos textos nietzschianos, nunca mencionado de modo acessório ou indiscriminado – riso do próprio filósofo, dos personagens, riso provocado no leitor – e de modo bastante peculiar em *Assim falou Zaratustra*, obra cujas duas primeiras partes serão tematizadas pelo presente trabalho. Sobre a importância do riso em *Zaratustra*, afirma Camelo da Silva:

Através dos ensinamentos do persa Zaratustra, chegamos a um outro patamar da filosofia trágica de Nietzsche, que dá agora um significado positivo ao aspecto trágico. Santificado por Zaratustra, o riso é anunciado como sua grande sabedoria e exercício educador dos homens superiores “Esta coroa do homem ridente, esta coroa de rosas entrelaçadas: eu mesmo a coloquei na minha cabeça, eu mesmo santifiquei o meu riso”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “Do ler e escrever”. Todos os grifos são meus e objetivam ressaltar o caráter móvel de vários termos utilizados, bem como o contraste entre seriedade e riso / imobilidade e movimento.

<sup>2</sup> “Eu chegaria mesmo a fazer uma hierarquia dos filósofos conforme a qualidade do seu riso – colocando no topo aqueles capazes da risada de ouro. E supondo que também os deuses filosofem, como algumas deduções já me fizeram crer, não duvido que eles também saibam rir de maneira nova e sobre-humana – e à custa de todas as coisas sérias!” (*Além de bem e mal*, § 294)

<sup>3</sup> SILVA, *O trágico e o riso na arte da travessia*, pp. 110-111.

Que não se desconsiderem, contudo, as grandes dificuldades inerentes a qualquer estudo que se empreenda em torno dos significados e implicações do riso. Isto especialmente na filosofia nietzschiana, já que, no caso, tais dificuldades parecem mesmo constituir uma das principais motivações do filósofo na deliberada e insistente apropriação desta imagem. Os obstáculos são patentes: já de antemão, somente do ponto de vista histórico, seria possível cogitar a imensa teia de possibilidades expressivas e interpretativas dos “risos” manifestos nos diversos tempos e localidades. Acrescente-se a problemática existencial, por assim dizer, dentro da qual o riso muitas vezes surge como um mistério a intrigar e irmanar estudiosos dos mais variados campos e pessoas comuns. Percebe-se, portanto, que, a despeito de sua “universalidade”, o riso é irrevogavelmente multiforme, independentemente da abordagem ou campo do saber que se proponha compreendê-lo. Ora agressivo, ora solidário, ora irônico, ora exultante, em diferentes gradações, pode tanto remeter à primitividade impulsiva, quanto ressaltar no humano sua distinção enquanto ser racional. É um enigma que insiste em se impor. E, diferentemente da razão, o riso não se presta a sínteses.

Tamanha complexidade aliada à nítida impossibilidade de *definição* torna insegura a opção por uma vertente que pretenda conferir um significado específico ao riso, ou de algum modo determinar as intenções de Nietzsche a este respeito em cada momento de sua trajetória de pensamento. Inevitável é, contudo, selecionar quando se pretende em alguma medida compreender. Diante da necessidade, encontramos, *ironicamente*, nesta insegurança mesma, nesta oscilação de possibilidades característica do riso, tanto em seus aspectos teóricos quanto nos práticos, a luz de um caminho plausível. Posto ser o riso inconstância – multiplicidade e mutação, eis uma de suas marcas: o riso é pleno *movimento*. Fisiologicamente, é corpo que se contrai e se distende; esteticamente, som que faz vibrar; moralmente, ataque desestabilizador, em suma, o riso é potência transformadora. E é “pelo ‘riso libertador’ que é possível apontar para uma nova direção, descortinar um novo futuro e, fundamentalmente, repor a vida no mundo”<sup>4</sup>.

Parte deste ponto a hipótese defendida pelo presente trabalho, a saber, de que o riso em *Assim falou Zaratustra* apresenta-se prioritariamente como um fenômeno de *movimento*, vinculado a situações de transformação da maior importância para a dinâmica de pensamento que constitui a obra: Zaratustra é itinerante e mutante, sua

---

<sup>4</sup> VASCONCELOS, *Nietzsche e a sabedoria do riso: aprender com os gregos para além dos gregos*, p. 306.

trajetória é cíclica e multifacetada. Tal movimento é da natureza mesma da manifestação do múltiplo que constitui a vida e, portanto, aparece sob as mais diversas formas. O riso “move a si mesmo” pela pluralidade de sentidos que assume em diferentes ocasiões. Sintomático, parece repetidamente marcar (ou motivar), a cada irrupção, uma transformação e um novo começo – tanto do próprio Zarathustra enquanto *persona*, quanto das circunstâncias com as quais este se depara. No âmbito filosófico propriamente dito, a imagem do riso se insere num complexo de noções bastante específicas e características do pensamento nietzschiano, constitutivas de um novo *modus* filosófico: o de um pensamento corpóreo, vivo, afirmativo, assumidamente móbil: *móvel e mobilizador*, dançante. Em suma, o riso recorrente é um dos mais fortes indicativos da presença viva e mutante do corpo, que a partir da filosofia nietzschiana virá a assumir novo lugar no contexto da filosofia ocidental contemporânea. Temos no discurso “Dos desprezadores do corpo” uma expressão exemplar da preeminência do corpo em Nietzsche:

Por trás dos teus pensamentos e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um sábio desconhecido – ele se chama Si-mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele.

Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria. E quem sabe por que teu corpo necessita justamente de tua melhor sabedoria?

Teu Si-mesmo *ri* de teu Eu e de seus saltos orgulhosos. “Que são para mim esses saltos e voos do pensamento?”, diz para si. “Um rodeio até minha meta. Eu sou a andadeira do Eu e o soprador dos seus conceitos”<sup>5</sup>.

No desenvolvimento da hipótese exposta, a consideração de algumas das principais referências culturais e filosóficas, sabidamente influentes na filosofia nietzschiana, (seja por parte de suas “inspirações”: a Grécia arcaica, o culto a Dionísio, a tragédia<sup>6</sup>; seja por parte dos alvos mais frequentes de sua crítica: a filosofia socrática e toda a tradição metafísica daí decorrente, o Cristianismo) permite-nos delinear pelo menos dois importantes aspectos de uma “filosofia do riso”, ou de uma “metáfora do riso”, em *Assim falou Zarathustra*. O primeiro e mais elementar consiste na caracterização (sem dúvida, um tanto provisória e hipotética) daquilo que Nietzsche

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, *Assim falou Zarathustra*, “Dos desprezadores do corpo”.

<sup>6</sup> “No caso de Nietzsche, encontramos um entusiasta do riso; sua teoria sobre o assunto não deixará de ter no riso inextinguível dos deuses gregos sua principal referência” (VASCONCELOS, *Nietzsche e a sabedoria do riso: aprender com os gregos para além dos gregos*, p. 302).

compreendeu e denominou por “riso”. Parece evidente que sua concepção ultrapassa o que modernamente se definiu por cômico e que tenha a maior parte de suas raízes fincadas no riso dionisíaco da Grécia arcaica<sup>7</sup>. É também na cultura helênica que encontramos, além da primitividade instintiva, da agressividade e irracionalidade do “riso primordial” do deus Dioniso, o riso artisticamente plasmado pela tragédia grega – criação de uma forma apreensível para a assunção afirmativa do absurdo da existência. Georges Minois, no primeiro capítulo de sua *História do riso e do escárnio*, apresenta-nos uma interessante síntese destes elementos:

[Somos] levados, até cerca de 400 a.C., do mito à festa, e da festa ao teatro, para constatar a continuidade lógica da concepção grega arcaica do riso. Comportamento divino, que pode às vezes levar o homem à demência, é uma força misteriosa que permite, ritualizado na festa, entrar em contato com os deuses, reatualizar periodicamente o caos original e assim rerepresentar o ato criador que funda a ordem social pela condenação à morte do rei burlesco. Enraizado, ao mesmo tempo, no instinto agressivo de nossas origens animais e na alegre embriaguez, ele tem a ambivalência do grande mágico Dioniso e, libertado sobre uma cena de teatro, pode reduzir o universo a uma grande ilusão cômica<sup>8</sup>.

Se a importância inconteste do pensamento grego arcaico nos permite o estabelecimento de um ponto de partida à compreensão do riso nietzschiano, é pelo contraste que se aclara o caráter próprio deste riso em *Assim falou Zaratustra*. Considere-se a denúncia de uma modernidade niilista<sup>9</sup>: doente, despotencializada em sua vitalidade, pessimista em seu íntimo, que desesperadamente procura manter a seriedade de suas verdades, como um dos problemas mais radicais abraçados pela filosofia de Nietzsche. Considere-se, ainda, como constitutiva desta filosofia, a crítica mordaz ao modo de vida que se assenta num pensamento religioso proclamador do

<sup>7</sup> “Para Vernant e Naquet, ‘um dos traços maiores de Dioniso consiste em embaralhar sem cessar as fronteiras do ilusório e do real, em fazer surgir bruscamente outro lugar aqui embaixo, em nos desterrar de nós mesmos; é bem a face do deus que nos sorri, enigmático e ambíguo, nesse jogo de ilusão teatral que a tragédia, pela primeira vez, inaugura sobre a cena grega’. Não é de surpreender que esse deus da ilusão seja associado ao teatro e que esse teatro arcaico misture intimamente a comédia e a tragédia” (MINOIS, *História do riso e do escárnio*, pp. 35-36).

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>9</sup> “Mas que significa, afinal, ‘niilismo’? Fazendo ele próprio a pergunta, responde, seca e precisamente, descrevendo a essência e a causa do fenômeno: ‘Niilismo: falta-lhe a finalidade. Carece de resposta a pergunta ‘para quê?’. Que significa o niilismo? *Que os valores supremos se depreciaram*’. O niilismo é, pois, a ‘falta de sentido’ que desponta quando desaparece o poder vinculante das respostas tradicionais ao porquê da vida e do ser. É o que ocorre ao longo do processo histórico no decorrer do qual os supremos valores tradicionais que ofereciam resposta àquele ‘para quê?’ – Deus, a Verdade, o Bem – perdem seu valor e perecem, gerando a condição de ‘ausência de sentido’ em que se encontra a humanidade contemporânea” (VOLPI, *O niilismo*, pp. 55-56).

sofrimento como culpa, da existência terrena como tristeza<sup>10</sup> (como um “vale de lágrimas”)<sup>11</sup>, bem como da morte como vida *eterna*. Não parece, pois, de modo algum, casual ou ingênua a frequente apropriação do riso (que é, pelo menos num certo sentido, contrário às lágrimas) pela obra nietzschiana ao tratar de questões tão cruciais relativas à existência e ao conhecimento. E, mesmo uma observação trivial da civilização contra a qual Nietzsche erige seu pensar, e de seu contraste com a ‘imagem do riso’ (e suas possíveis conotações) é já capaz de sinalizar o teor e a relevância desta imagem. Justamente este aspecto parece autorizar-nos a conceber o riso zaratustriano como algo *móbil*, como *símbolo dançante* de um pensamento corpóreo, em franco ataque a uma tradição filosófico-religiosa de depuração das ideias (e do próprio riso) e, em última análise, de constante cerceamento do movimento da vida<sup>12</sup>. Sobre os fundamentos desta tradição, afirma Minois:

O crescente refinamento e os progressos do intelectualismo traduzem-se, a partir do fim do século V a.C., por uma desconfiança clara em relação ao riso desenfreado, manifestação indecente de uma emoção primária, ainda próxima de um instinto selvagem, inquietante, que é preciso *aprisonar*, domesticar, civilizar. Ao riso homérico, duro e agressivo, sucede-se, a partir do século IV a.C., o riso velado, símbolo de urbanidade e de cultura, o riso finamente irônico que Sócrates põe a serviço da busca da verdade. Mas o riso feroz, dionisíaco, do caos original e do nada, da agressão e da morte, da derrisão universal nunca está muito longe, sob esse verniz prestes a *trincar* em qualquer ocasião<sup>13</sup>.

E ainda, no mesmo sentido:

Para [Platão], é inconcebível que os deuses riem. O universo do divino é *imutável, único, universal, eterno*: como ele poderia ser afetado por

---

<sup>10</sup> É importante esclarecer que o riso nietzschiano é trágico, não excluindo o sofrimento, mas assumindo-o como componente vital. Entretanto, diferentemente do pensamento cristão, Nietzsche apropria-se do sofrimento como potencializador da vida: “Criar – eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “Nas ilhas bem-aventuradas”).

<sup>11</sup> Sobre a crítica à concepção cristã do mundo terreno como “vale de lágrimas”, é interessante observar a seguinte passagem de *Assim falou Zaratustra* que relaciona claramente a imagem das lágrimas (opostas ao riso) à morte e à doença *do corpo*: “Tampouco se irrita Zaratustra com o convalescente, quando esse olha com ternura para sua ilusão e à meia-noite ronda pelo sepulcro de seu Deus: mas suas lágrimas continuam a ser, para mim, doença e corpo doente” (*Assim falou Zaratustra*, “Dos trasmundanos”).

<sup>12</sup> “Chamo isso de mau e inimigo do homem: todos esses ensinamentos sobre o uno, pleno, saciado, imóvel e intransitório” (*Assim falou Zaratustra*, “Nas ilhas bem-aventuradas”).

<sup>13</sup> MINOIS, *História do riso e do escárnio*, pp. 49-50.

essa emoção grosseira, que *traduz uma mudança*, uma perda do controle e da unidade, que só se pode encontrar no mundo sensível?<sup>14</sup>

Doravante, enfocaremos as duas primeiras partes de *Assim falou Zaratustra*, indo até o discurso “Da visão e do enigma”, no início da terceira parte. Tal opção deve-se à compreensão de que, neste discurso, o riso atinge uma espécie de ápice, preparado por suas aparições anteriores, e manifesta de modo bastante significativo o caráter dinâmico e transformador preconizado pela análise aqui apresentada<sup>15</sup>. É interessante notar como o riso aparece em momentos decisivos, e sempre *no início* de cada uma das três partes do livro, como se fosse uma espécie de “motor”, ou o indício de uma força que impulsiona cada ciclo<sup>16</sup>. Já no início do “Prólogo”, que narra o começo do declínio de Zaratustra – momento em que o personagem *põe-se a caminho* – o riso aparece no diálogo com o santo – que ri das intenções de Zaratustra, possivelmente supondo-se em alguma medida mais sábio ou mais precavido. Ou ainda, quando se despedem um do outro, “o idoso e o homem, rindo como riem dois meninos”<sup>17</sup> situação em que, apesar da harmonia entre os personagens, o riso de Zaratustra parece marcar uma decisão e uma atitude, pois, a despeito das advertências do velho sobre os homens e a vida em sociedade, insiste em *prosseguir* e assim iniciar sua jornada. Cabe aqui ressaltar a questão do riso como superioridade (“rir de” alguém), traço importante não só neste momento, mas em várias outras aparições do riso na primeira parte do livro. De fato, indo ao encontro de tantas outras interpretações, Nietzsche também considera, muitas vezes, o riso como um selo de distinção, como o riso de quem é, ou pelo menos se supõe, superior<sup>18</sup>. Importante frisar uma diferença: a pretensa superioridade do ridente homem moderno faz com que este *se conserve* em seu orgulho:

Depois de falar essas palavras, Zaratustra olhou novamente para o povo e calou. “Aí estão eles e *riem*”, falou para seu coração, “não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos”. [...]

<sup>14</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>15</sup> Procurou-se investigar todas as passagens em que o “riso” aparece. Contudo, para evitar redundâncias, foram suprimidas menções de trechos em que o termo consta uma única vez, sem maior ênfase, ou ainda partes que retomam algum dos sentidos já explicitados por este trabalho.

<sup>16</sup> Ainda que não seja aqui abordada, cabe mencionar a presença do riso também no início da quarta parte do livro, o que reforça a referida tese.

<sup>17</sup> NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “Prólogo”.

<sup>18</sup> Além da superioridade (ou da pretensa superioridade) pessoal, o riso pode também ser visto como “sintoma” de uma força dominante (e, portanto, num certo sentido, superior). Deste modo o riso, de acordo com as circunstâncias, pode tanto sintomatizar a prevalência (superioridade) das forças reativas no ridente homem moderno, quanto a prevalência das forças ativas – em *Zaratustra*.

Eles possuem algo de que se orgulham. Como chamam mesmo o que os faz orgulhosos? Chamam de cultura, é o que os distingue dos pastores de cabras<sup>19</sup>.

Por outro lado, a superioridade do Zaratustra ridente é justamente o que faz com que queira superar-se, pondo-o em movimento:

Quero ter duendes ao meu redor, pois tenho coragem. A coragem que espanta os fantasmas cria seus próprios duendes – a coragem quer *rir*.

Já não sinto como vós: essa nuvem que vejo abaixo de mim, essa coisa negra e pesada da qual eu *rio* – justamente isso é vossa nuvem de tempestade.

Olhais para cima quando buscais a elevação. Eu olho para baixo, porque estou elevado.

Quem, entre vós, pode ao mesmo tempo *rir* e sentir-se elevado?

Quem sobe aos montes mais altos *ri* das tragédias do palco e da vida<sup>20</sup>.

Outra expressão da relação entre riso e movimento – no caso, do movimento de transformação do próprio Zaratustra – encontra-se no discurso “Das cátedras da virtude”, ainda na primeira parte do livro, quando, após ouvir a pregação de um sábio acerca das virtudes do sono e dos hábitos a serem praticados tendo em vista o bom dormir, Zaratustra “*riu-se* no coração: pois uma luz raiara nele”. Este trecho, embora breve, contém indícios relevantes para a compreensão da dinâmica do riso ao longo da obra. Em primeiro lugar, pode-se tomar simplesmente seu teor irônico, já que Zaratustra, após tão solene demonstração de “sabedoria” por parte do pregador, é capaz de *rir* de tais verdades, denunciando sem pudores a carência de sentido das mesmas e “quebrando” insolitamente sua rigidez. Além disso, o riso expressa aqui, também, claramente uma mudança de perspectiva, uma descoberta ou invenção a partir da qual Zaratustra dá-se conta da invalidade daqueles ensinamentos e tira suas próprias conclusões (ironicamente): “Um tolo me parece esse sábio, com seus quarenta pensamentos: mas creio que ele entende de dormir”<sup>21</sup>. Fica claro que ao *rir* Zaratustra opta pela *vitalidade* e segue seu caminho, deixando para trás as prescrições de uma “existência tranquila” pautada pela *inércia* do “descanso final”.

Na segunda parte da obra, chama a atenção, além da já mencionada aparição do riso no início de cada divisão, a forma pela qual esta aparição ocorre no primeiro discurso, bem como sua importância para a ação subsequente. Em “O menino com o

<sup>19</sup> Assim falou Zaratustra, “Prólogo”, §5.

<sup>20</sup> Assim falou Zaratustra, “Do ler e escrever”.

<sup>21</sup> Assim falou Zaratustra, “Das cátedras da virtude”.



espelho”, Zaratustra se encontra a princípio numa situação de recolhimento e de espera. Um dia, porém, após anos de repouso e acúmulo de sua sabedoria, *desperta* por causa de um sonho assustador. Nele, um menino lhe mostra um espelho onde aparece refletida a imagem da careta e do *riso* galhofeiro de um demônio, o que sinaliza, na compreensão de Zaratustra, o perigo que ameaça sua doutrina, o risco da incompreensão e da distorção de seus ensinamentos. Não é a primeira vez em que a imagem do riso aparece de algum modo ligada à imagem do “demônio”<sup>22</sup> (e é essencial destacar a forma dual com que Nietzsche se utiliza do termo, assim como de “deus”). Temos como exemplo, anteriormente, em “Do ler e escrever”, a referência a um “deus dançante”, possivelmente aceito e acreditado por Zaratustra; e, na mesma passagem, a descrição do “meu diabo” como “sério, meticuloso, profundo e solene, o ‘espírito de gravidade’”. Tal caracterização sugere uma espécie de inversão das características comumente atribuídas ao deus (cristão) – seriedade, solenidade – e ao diabo segundo a mesma tradição – inconstante e ridente. Para Zaratustra, o riso vale como “arma contra o diabo”, mas não um diabo qualquer: “com o riso é que se mata / vamos matar o *espírito de gravidade*”. Esta visão ambígua do diabo parece, num certo sentido, se repetir em “O menino com o espelho”, já que é o “riso galhofeiro de um demônio” que advertirá Zaratustra e, ao mesmo tempo, fará com que desperte, mova-se e transforme-se. É notável no seguinte trecho a mudança provocada pelo riso do diabo no sonho de Zaratustra:

Com essas palavras *levantou-se rapidamente* Zaratustra, não como alguém assustado que busca por ar, mas antes como um vidente e cantor que é tomado pelo espírito. Sua águia e sua serpente olharam-no com admiração: pois seu rosto, como a aurora, irradiava uma felicidade iminente.

Que me aconteceu, meus animais?, disse Zaratustra. Não estou *transformado*? A bem-aventurança não chegou a mim como um *vendaval*?<sup>23</sup>

No momento seguinte, ele decide descer para junto dos homens, pondo-se novamente no movimento, a “extravasar seu amor em torrentes”. Todos estes elementos permitem, mais uma vez, a consideração do riso em clara associação com o movimento vital (e corporal) e com a transformação.

<sup>22</sup> Cf. MINOIS, *História do riso e do escárnio*, p. 69: o riso é a “verdadeira vingança do diabo, no sentido de que esse perigoso dom divino se torna revelador do absurdo do ser”.

<sup>23</sup> NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “O menino com o espelho”, grifos meus.

A próxima importante irrupção do riso se dá no discurso “O canto da dança”, cuja temática é de suma relevância para o intuito deste trabalho. No referido discurso acham-se reunidos e articulados, em consonância com a hipótese aqui defendida, os vários componentes da “dinâmica do riso”, encontrados por vezes esparsos em outras ocasiões: o movimento, a dança; a imagem de deus e a do diabo (em suas ambiguidades, já mencionadas); o riso recorrente. Com efeito, este é um discurso de expressão e celebração da vida em seu movimento. A cena inicial descreve o encontro entre Zaratustra, numa de suas andanças, e um grupo de moças que dançam entre si, mas que se detém, ao notar a presença do estranho. Diz então Zaratustra:

*Não interrompais a dança, graciosas garotas! Não é um desmancha-prazeres com o olhar ruim que vos chega, nem um inimigo das garotas.*

Sou o advogado de *Deus* perante o *Diabo*: mas este é o espírito de gravidade. Como poderia eu, ó leves criaturas, ser inimigo das *danças divinas*? Ou dos pés de moças com belos tornozelos?

É certo que sou uma floresta e uma noite de árvores escuras: mas quem não receia minha escuridão, também encontra rosas sob os meus ciprestes.

E também encontra o *pequeno deus* que é o favorito das moças: junto à fonte se acha ele deitado, em silêncio de olhos fechados.

Na verdade, em pleno dia ele adormeceu, o mandrião! Terá corrido demais em busca de borboletas?

Não vos zangueis comigo, ó belas dançarinas, se eu disciplinar um pouco o pequeno deus! Ele vai gritar certamente, e chorar – *mas é de rir até quando chora!*

E com lágrimas nos olhos ele vos pedirá uma dança; e eu próprio entoarei um canto para a sua dança:

Um canto para *dançar e zombar*<sup>24</sup> do espírito de gravidade, do meu altíssimo e poderosíssimo Diabo, do qual dizem ser “o senhor do mundo”<sup>25</sup>.

Ressalte-se o entrelaçamento dos elementos supracitados, revelando a coerência da dinâmica que marca a relação entre o riso trágico, a dança e a “divindade” (ou a sacralidade). Cumpre ainda mencionar, no momento final deste discurso, o teor dos versos da canção entoada por Zaratustra: neles, é a vida mesma quem ri repetidas vezes, zombeteira, proclamando-se “inconstante, selvagem, mulher e não-virtuosa”, sinalizando, novamente, o caráter vital da imagem do riso.

Finalmente, na terceira parte de *Assim falou Zaratustra*, o discurso “Da visão e enigma” coroa, por assim dizer, os desenvolvimentos anteriores acerca do riso em sua

---

<sup>24</sup> Grifos meus.

<sup>25</sup> *Assim falou Zaratustra*, “O canto da dança”.

relação com o movimento, a transformação e a vida. A relevância deste discurso dentro da obra (considerado por muitos um dos mais importantes de todo o livro), aliada à posição capital nele ocupada pelo riso, vale para atestar a centralidade desta imagem dentro do pensamento nietzschiano. “Da visão e do enigma” institui, por meio da apresentação de importantes metáforas, uma virada radical no ritmo e na tonalidade dos acontecimentos narrados. Transformação que se refletirá na atitude de Zaratustra, como também no rumo de sua trajetória a partir deste ponto. Para melhor compreensão deste momento, cabe ressaltar, nos discursos precedentes – “O andarilho” e “A hora mais quieta” – o predomínio de uma atmosfera de profundo sofrimento e insegurança, além da latência de uma espécie de prenúncio ou pressentimento. Os trechos abaixo servem para ilustrar o estado de ânimo em que, então, se encontra Zaratustra:

Então me falaram sem voz: “*Tu sabes, Zaratustra?*” – E eu gritei de pavor ante esse murmúrio, e o sangue me fugiu do rosto: mas permaneci calado.

Então, de novo me falaram sem voz: “*Tu sabes, Zaratustra, mas não falas!*” –

E eu afinal respondi, como alguém que teima: “*Sim, eu sei, mas não quero falar!*”<sup>26</sup>.

— — —

Assim falou Zaratustra para si mesmo ao subir, consolando seu coração com duras máximas: pois ele estava ferido no coração, como jamais estivera antes. E, quando chegou ao alto da montanha, eis que o outro mar se estendia à sua frente, e ele permaneceu longamente parado e em silêncio. Mas a noite estava fria naquelas alturas, e também clara e estrelada.

Reconheço a minha sina, disse afinal, com tristeza. Pois bem! Estou pronto. Começa a minha última solidão<sup>27</sup>.

Pode-se ainda destacar como um elemento auxiliar na interpretação, a situação inicial descrita: a bordo de um barco, *a caminho, em trânsito, em movimento*: “Havia muita coisa estranha e perigosa a ouvir naquele barco, que vinha de longe e navegava para mais longe ainda. Zaratustra era um amigo de todos os que fazem longas viagens e não querem viver sem perigo”<sup>28</sup>.

“Da visão e enigma” é, certamente, um texto tão difícil quanto crucial. E não apenas em função do “enigma”, das metáforas apresentadas, mas de todos os elementos presentes, diálogos e imagens, repletos de nuances e contrastes que encontrarão seu

<sup>26</sup> Assim falou Zaratustra, “A hora mais quieta”.

<sup>27</sup> Assim falou Zaratustra, “O andarilho”.

<sup>28</sup> Assim falou Zaratustra, “Da visão e enigma”, §1.

ápice na explosão de um riso afirmativo. Segundo Machado, o discurso trata, predominantemente, dos temas do niilismo (personificado no anão, simbolizado pela serpente) e da antevisão do “eterno retorno”, introduzida pela imagem do “portal do Instante”<sup>29</sup>. Não caberiam aqui o aprofundamento nos desdobramentos do conceito de “niilismo”, nem a exposição elaborada da ideia do “eterno retorno” – temas de enorme importância e complexidade, mas cujo detalhamento extrapolaria os objetivos propostos. Cabe-nos a opção de destacar dois pontos fulcrais, suficientes, por hora, para a demonstração dos vínculos entre o riso e o movimento da vida, a saber: a questão da *transformação*, ligada diretamente à prevalência do instante – já que somente o instante presente efetivamente “é” – e à irrevogável a condição de devir ininterrupto; e a possibilidade de *liberação* humana enquanto instituição de um modo afirmativo de assunção deste devir.

Interessa-nos observar a descrição feita por Zaratustra de seu próprio aspecto na ocasião em que avistara o enigma: “pálido como um cadáver – sombrio e rijo, com lábios cerrados”<sup>30</sup>. E, além disso, novamente a menção ao demônio, ao “espírito de gravidade”, que agora surge na figura de um anão maledicente, que acentuará o contraste entre uma existência de peso, impotência, semi-inércia e toda a exuberância da liberação vindoura. Relevante é, também, a insurgência da coragem, “o melhor matador”, nas palavras de Zaratustra. É a coragem que possibilita o embate com o anão, com o “espírito de gravidade” – a “coragem que *ataca*”. A retomada de um trecho anterior, em “Do ler e escrever”, pode complementar esta compreensão: “A coragem que espanta os fantasmas cria seus próprios duendes – a coragem quer *rir*.” Não seria mera casualidade a presença em ambos os discursos da coragem, do riso, e do “espírito de gravidade”, imagens tantas vezes interligadas em *Zaratustra*, como já foi possível até aqui observar.

A primeira visão relatada por Zaratustra a seus companheiros de embarcação é a do portal do “Instante”, com sua bifurcação em caminhos (passado e futuro) que se encontram – “Essa longa rua para trás: ela dura uma eternidade. E a longa rua para lá – isso é outra eternidade”<sup>31</sup> – o que aponta claramente para o grande pensamento nietzschiano acerca da concepção do tempo, em seu constante fluxo, circularidade e repetição: mais precisamente, para a noção de “eterno retorno do mesmo”, sugerida mas

<sup>29</sup> MACHADO, *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, pp. 120-154.

<sup>30</sup> NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “Da visão e enigma”, §1.

<sup>31</sup> *Ibidem*, §2.

ainda inconclusa neste momento. Conforme já mencionado, opta-se aqui pela abordagem de apenas um dentre os muitos aspectos implicados por esta noção: a do movimento, do devir, da prevalência inevitável do instante que incessantemente devém e se esvai. Sobre este ponto, a explicação de Machado é bastante esclarecedora:

[O pensamento exposto por Zaratustra, de um modo geral consiste], em primeiro lugar, em negar que o tempo tenha um instante inicial, isto é, que exista um estado de ser antes do devir, ou que o tempo tenha um instante final, isto é, que exista um estado de ser depois do devir. E a prova disso é que o instante atual é um instante que passa. Pois se tivesse havido um estado de ser antes do devir, isto é, um estado inicial, o devir jamais teria saído dele; e sendo o tempo passado infinito ou eterno, o devir teria atingido seu estado final, se houvesse um. Logo, o tempo não tem início nem fim<sup>32</sup>.

Deste modo, revela-se impossível ao humano escapar à dinâmica temporal, quer dizer, à incessante sucessão de instantes, restando-lhe inevitavelmente a assunção do *movimento* e da fugacidade da vida. Parece caminhar num mesmo sentido a interpretação da imagem do pastor que sufoca com uma serpente negra emperrada em sua garganta e que, ainda segundo Machado, representa o próprio Zaratustra em seu assombro diante da antevisão do eterno retorno. Neste ponto, o enfraquecimento e progressiva paralisia do jovem, causados pela pesada serpente do niilismo que o asfixia, exigem uma ação necessária, e só há escapatória através do aniquilamento: “Corta a cabeça!” “Morde!”. Liberação, transformação sobrevém a este momento limiar da morte, e a imagem do jovem, que acatando a ordem de Zaratustra decepa com os dentes a cabeça da serpente, personifica a inevitabilidade do enfrentamento (e sujeição) das forças enfraquecedoras da vida. Machado, que em “Da visão e enigma” privilegia a questão do eterno retorno, ressalta também a importância do confronto, da afirmação e da transformação:

Se não for afirmado, querido, desejado, o eterno retorno – a ideia de que tudo revém – pode tornar-se o pensamento mais negro e mais pesado; pode tornar-se um pensamento niilista, dar náusea e oprimir. Mas, para quem tiver a força, a coragem de enfrentar, encarar, assumir esse pensamento abissal, a vida se transformará, criando a leveza sobre-humana do riso<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> MACHADO, *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, p. 124.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 132.

O riso é a grande expressão da liberação. Sintoma de transformação e de força, presente nos vários momentos de mudança e ruptura ao longo da obra, surge aqui, ele mesmo, renovado, riso inaudito encarnado num ser que afirma, que se eleva e – por que não dizer? – que *dança*, a dança da vida. Em *Assim falou Zaratustra* o riso revela-se, pois, como mobilidade, como expressão da vitalidade em seu sentido mais pleno. Vitalidade que anima e transforma as forças e os corpos, vitalidade mutante que, a cada instante, apresenta-se nova e múltipla, criadora:

Não mais um pastor, não mais um homem – um transformado, um iluminado que *ria*! Jamais, na terra, um homem riu como ele ria!  
Ó meus irmãos, escutei um riso que não era riso de homem – e agora me devora uma sede, um anseio que jamais sossega.  
Meu anseio por esse riso me devora: oh, como suporte ainda viver? E como suportaria agora morrer?<sup>34</sup>

### Referências Bibliográficas

- BRUM, José Thomaz. O riso e a jubilação. In: KANGUSSU, Imaculada et al. (orgs.) *O cômico e o trágico*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.
- MACHADO, Roberto. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- SILVA, Ricardo José Camelo da. O trágico e o riso na arte da travessia. In: *Educação em foco*. Belo Horizonte: FaE/CBH/UEMG, N° 12, pp. 105-116, 2008.
- VASCONCELOS, Manoel Jarbas. Nietzsche e a sabedoria do riso: aprender com os gregos para além dos gregos. In: *Revista de humanidades*. Fortaleza: Unifor, V. 24, N° 2, pp. 300-314, 2009.
- VOLPI, Franco. *O niilismo*. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

---

<sup>34</sup> NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “Da visão e enigma”, §2.

Recebido em: 03/03/2014 – Received in: 03/03/2014

Aprovado em: 09/07/2014 – Approved in: 07/09/2014